

A concepção de tempo nos escritos de Cullmann e Canale: semelhanças, diferenças e complementações

Fábio Augusto Darius¹
Marcelo Pfeiffer²

Resumo

Desde o segundo século da igreja cristã primitiva, estudiosos cristãos têm concebido o plano da salvação sob o ponto de vista da atemporalidade divina. Ao longo da história da igreja perpetuaram-se os dogmas da imutabilidade e da impassibilidade. Entretanto, voltando à exegese bíblica neotestamentária, em 1946, Oscar Cullmann, teólogo luterano, defendeu a temporalidade. Na teologia adventista do sétimo dia, em 1983, Fernando Canale defendeu sua tese na área da teologia sistemática sobre a temporalidade de Deus. O objetivo dessa pesquisa é comparar os escritos de Cullmann e de Canale a respeito da temporalidade, verificando as respectivas semelhanças e complementações. Esse estudo utiliza o método histórico-bibliográfico como ferramenta de pesquisa. A pesquisa conclui que, enquanto Cullmann desenvolveu o tema da temporalidade sob a ótica do ministério terrestre de Cristo, Canale o fez sob o prisma do ministério celestial. Se, por um lado, Cullmann escreveu com interesse na linha da história da salvação, Canale contribuiu para a relação do santuário celestial com o plano da salvação. Ambos contribuíram para a reedificação do pensamento bíblico-histórico-temporal.

Palavras-chave: Cullmann; Canale; temporalidade; história da salvação; santuário.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**
Organização Comitê Científico
Double Blind Review pelo SEER/OJS
Received: 16/04/2024
Approved: 04/06/2024

Como citar: DARIUS, F. A.; PFEIFFER, M. A Concepção de Tempo nos Escritos de Cullmann e Canale: Semelhanças, Diferenças e Complementações. *Kerygma*, Engenheiro Coelho(SP), v. 18, n. 1, p. 01-16, e1620, 2023. DOI: <https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v18.n1.pe1620>

¹Doutor e Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo na área de Teologia Histórica. Professor de graduação de pós-graduação no Seminário Latino-Americano de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: fabio.darius@unasp.edu.br e ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6877-940X>

²Marcelo Pfeiffer. Bacharelado em Teologia (FAT – UNASP). Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: pfeiffermarcelo@gmail.com



The conception of time in the writings of Cullmann and Canale: similarities, differences and complementations

Abstract

Since the second century of the early Christian church, Christian scholars have conceived the plan of salvation from the point of view of divine timelessness. Throughout the history of the church, the dogmas of immutability and impassibility have been perpetuated. However, returning to New Testament biblical exegesis, in 1946, Oscar Cullmann, a Lutheran theologian, defended temporality. In Seventh-day Adventist theology, in 1983, Fernando Canale defended his thesis in the area of systematic theology on the temporality of God. The aim of this research is to compare Cullmann's and Canale's writings on temporality, verifying their respective similarities and complementarities. This study uses the historical-bibliographical method as a research tool. The research concludes that, while Cullmann developed the theme of temporality from the perspective of Christ's earthly ministry, Canale did so from the perspective of the heavenly ministry. While Cullmann wrote with an interest in the history of salvation, Canale contributed to the relationship between the heavenly sanctuary and the plan of salvation. Both contributed to the reconstruction of biblical-historical-temporal thinking.

Keywords: Cullmann; Canale; temporality; salvation history; sanctuary.

La concepción del tiempo en los escritos de Cullmann y Canale: similitudes, diferencias y complementariedades

Resumen

Desde el siglo II de la Iglesia cristiana primitiva, los eruditos cristianos han concebido el plan de salvación desde el punto de vista de la atemporalidad divina. A lo largo de la historia de la Iglesia, se han perpetuado los dogmas de la inmutabilidad y la impassibilidad. Sin embargo, volviendo a la exégesis bíblica del Nuevo Testamento, en 1946, Oscar Cullmann, teólogo luterano, defendió la temporalidad. En la teología adventista del séptimo día, en 1983, Fernando Canale defendió su tesis en el área de teología sistemática sobre la temporalidad de Dios. El objetivo de esta investigación es comparar los escritos de Cullmann y Canale sobre la temporalidad, verificando sus respectivas semejanzas y complementariedades. Este estudio utiliza el método histórico-bibliográfico como herramienta de investigación. La investigación concluye que, mientras Cullmann desarrolló el tema de la temporalidad desde la perspectiva del ministerio terrenal de Cristo, Canale lo hizo desde la perspectiva de su ministerio celestial. Mientras que Cullmann escribió interesándose en la historia de la salvación, Canale contribuyó a la relación entre el santuario celestial y el plan de salvación. Ambos contribuyeron a la reconstrucción del pensamiento bíblico-histórico-temporal.

Palabras clave: Cullmann; Canale; temporalidad; historia de la salvación; santuario.



O objetivo deste artigo é comparar o tema da temporalidade nos escritos do francês Oscar Cullmann (1902-1999) e do argentino Fernando L. Canale (1945-). Oscar Cullmann foi um teólogo neotestamentário luterano do século XX que contribuiu significativamente na área da cristologia, dentro do campo da teologia bíblica. Fernando Canale é um teólogo e filósofo adventista do sétimo dia que se destacou na investigação filosófico-teológica da temporalidade, na área de teologia sistemática. Em 1983, Canale defendeu sua dissertação doutoral, intitulada: “*Toward a Criticism of Theological Reason: Time and Timelessness as Primordial Presuppositions*”.

O que chama a atenção é o fato de que, em 1946, O. Cullman publicou seu livro *Christus und die Zeit*, em que ele considera o tempo linear como uma *pressuposição*, um *quadro* para a representação neotestamentária da ação divina (CULLMANN, 2020, p. 47). Isto é, a temporalidade é um pressuposto básico no retrato neotestamentário das ações divinas. Nesse contexto, Cullmann entendeu que “o centro temporal de todos os outros eventos” é a aparição de Cristo (CULLMANN, 2020, p. 56). Ou seja, o *evento Cristo* é o centro da história humana, bem como o centro da história (e do plano) da salvação. Quer dizer que, para Cullmann, a vida, morte e ressurreição de Cristo constituem o núcleo central da história da salvação, descrita por ele como *heilsgeschichtliche*.³

Ademais, F. Canale é conhecido no meio adventista como um pioneiro na pesquisa acadêmica sobre a temporalidade e sua relação com a teologia e filosofia bíblicas.

Ambos os autores perceberam que, no assunto da temporalidade, a teologia cristã foi influenciada pela filosofia grega em sua maneira de enxergar o tempo e a eternidade, assim como a natureza do ser de Deus. Canale afirmou: “Desde o princípio, a interpretação cristã de Deus sofreu pesada influência da filosofia extrabíblica” (CANALE, 2011a, p. 158).

Ele destacou que “da compreensão atemporal da realidade operante nas teologias cristã e protestante, o adventismo mudou implicitamente para uma visão

³ A palavra *heilsgeschichtliche* é um adjetivo que significa "relativo à história da salvação" ou "característico da história da salvação". Ela deriva da junção de *Heil* (salvação) e *Geschichte* (história) com o sufixo adjetival *-lich*.



histórico-temporal da realidade” (CANALE, 2004, p. 9, tradução nossa). Embora não fosse adventista, Cullmann pensava a realidade de modo histórico-temporal e, dessa forma, interpretava a mensagem cristã contida no Novo Testamento. Ele chegou a essas conclusões por meio da exegese.

Para Canale, esse tema é um divisor de águas em qualquer teologia. Ele atribui grande importância ao assunto, destacando:

A mudança de uma compreensão atemporal para uma compreensão temporal do *princípio hermenêutico da ontologia* é a mudança de paradigma hermenêutico mais radical na história da teologia cristã (CANALE, 2006, p. 52, tradução nossa).

Portanto, é essencial verificar a concordância e complementação de ambos os autores com a teologia cristã.

Oscar Cullmann (1902-1999)

Ao estudar a teologia de Cullmann, particularmente sua obra *Cristo e o Tempo*, é fundamental considerar que o teólogo luterano viveu durante a época de outros três teólogos influentes do século XX, a saber: Rudolf K. Bultmann (1884-1976), Karl Barth (1886-1968) e Albert Schweitzer (1875-1965). Cullmann foi contrário a eles no que se refere à temporalidade e à eternidade, do ponto de vista neotestamentário e exegético. Os três teólogos assimilavam a concepção tradicional cristã da atemporalidade, mesmo trabalhando no campo cristológico e neotestamentário, como Cullmann.

Ricardo Quadros Gouvêa, professor de teologia e filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, comentou no prefácio da obra *Cristo e o Tempo* que este livro de Cullmann se apresenta como uma resposta a Bultmann e à teologia existencialista, fundamentando-se na obra de Heidegger (1927) (CULLMANN, 2020, p. 18).

Cullmann quebrou o paradigma dogmático da tradição cristã da atemporalidade divina, bem como das características subordinadas, imutabilidade e impassibilidade. Ele seguiu a linha heideggeriana, exposta no livro *Ser e o Tempo* (*Sein und Zeit*), o qual foi o divisor de águas dentro deste tema, do período moderno



ao pós-moderno. De igual modo, Canale sinalizou diversas vezes que Heidegger foi quem trouxe à tona a noção temporalista à filosofia – e também à teologia – no século XX. Já Fernando Canale acredita que:

ocorreu uma mudança da compreensão clássica e moderna do Ser como atemporal (como, por exemplo, em Platão, Aristóteles, Agostinho, Aquino, Lutero, Calvino, Descartes, Kant, Hegel, Whitehead, Barth e Pannenberg) à sua interpretação temporal no pós-modernismo. Essa mudança foi antecipada por Nietzsche, e posteriormente articulada em detalhes técnicos por Heidegger. Em suas declarações iniciais em *Ser e Tempo*, Heidegger deu expressão explícita a essa nova compreensão da realidade: ‘Nosso objetivo no seguinte tratado é resolver a questão do sentido do Ser e fazê-lo concretamente. Nosso objetivo provisório é a interpretação do tempo como horizonte possível para qualquer compreensão do Ser’ (CANALE, 1998, p. 187).⁴

Sendo assim, é possível visualizar e concluir que tanto Cullmann quanto Canale utilizaram-se de Heidegger em suas descobertas e contribuições filosófico-teológicas.

Método teológico

Além disso, no campo do método teológico, pode-se afirmar que tanto Cullmann quanto Canale adotaram uma *subordinação da tradição às Escrituras*.⁵ Assim sendo, a base de ambos os autores não foi Heidegger, a despeito de suas contribuições, mas sim a Escritura e a exegese.

Canale ressaltou: “De forma clara, a ênfase adventista na *Escritura como única fonte de informação* para teologizar imprimiu renovado e revolucionário impulso à *reflexão teológica sobre Deus*” (CANALE, 2011a, p. 168, grifo nosso). De igual modo, pode-se sustentar que a ênfase de Cullmann na Escritura como única fonte de informação sobre a temporalidade bíblica lhe concedeu uma percepção distinta do assunto.

⁴ Traduzido por John Macquarrie e Edward Robinson (New York: Harper and Collins, 1962), 1.

⁵ Cullmann propõe a subordinação da tradição às Escrituras (CULLMANN, 2020, p. 28).



O método de ambos teve a mesma base e fundamento. Portanto não é de admirar que tenham chegado às mesmas conclusões. Ademais, Cullmann nos leva a ponderar que:

a ideia neotestamentária de eternidade não parece opor-se à ideia de temporalidade, como acontece na metafísica platônica, em que o conceito de eternidade aponta para uma realidade atemporal e imaterial (CULLMANN, 2020, p. 17).

Como se vê, o teólogo francês opõe-se ao dualismo platônico da realidade atemporal, proposto pela filosofia grega e adotado pela tradição cristã ao longo dos séculos.

Da atemporalidade à temporalidade

Cullmann reitera que “à luz do Novo Testamento, a temporalidade e a história humana são a arena em que Deus opera sua obra de redenção” (CULLMANN, 2020, p. 17). Ele defende que “a salvação cristã não é a salvação *do tempo*, mas sim uma salvação *no tempo*” (CULLMANN, 2020, p. 17). O prefaciador de sua obra, na edição brasileira, declarou que:

Cullmann parece ter conseguido, muito mais adequadamente que Bultmann e outros teólogos, evitar a armadilha e substituir a metafísica platônica pela nova metafísica existencial heideggeriana (CULLMANN, 2020, p. 12).

Em *Salvação como História*, Cullmann insiste na crucialidade da perspectiva histórica e temporal do ensino soteriológico do Novo Testamento, que, longe de ser apenas uma superestrutura mítica, que deve ser “demitologizada” (como Bultmann propôs) para que se chegue ao cerne da mensagem do evangelho. Para Cullmann, “a redenção proposta pela fé cristã não é uma redenção etérea, fantasmagórica e extramundana, mas a redenção temporal e material da criação de Deus, e da humanidade como parte e coroa desta mesma criação” (CULLMANN, 2020, p. 17).

Assim, é possível perceber que Cullmann não vê o Novo Testamento sob a ótica atemporal grega. Ele o enxerga sob o paradigma histórico-temporal bíblico. É em seu livro *Cristo e o Tempo* que ele destrincha o tema claramente. Ele escreveu que “a norma absoluta do cristianismo é *ela mesma igualmente história* e não é, como a



norma filosófica, um dado transcendente, situado para além de toda história [tempo e espaço]” (CULLMANN, 2020, p. 60).

O Novo Testamento pressupõe temporalidade

Cullmann afirma ainda que “Deus se revela de uma maneira toda especial no seio de uma história estreitamente limitada, mas contínua, e Ele aí opera, de uma maneira definitiva, a ‘salvação’” (CULLMANN, 2020, p. 61). O autor relaciona o assunto da temporalidade ao que ele chama de “história da salvação” (*Heilsgeschichte*). Ele afirmou que Deus opera a obra da salvação historicamente e temporalmente. Além disso, Cullmann destacou em seu livro:

os primeiros cristãos situaram na mesma perspectiva cristocêntrica da história bíblica, quer dizer, sobre a *mesma linha temporal* — linha de Cristo — a *criação* operada por Deus ‘no começo’ e sua plena *conclusão* no futuro em Deus ‘no fim dos dias’, da mesma forma que a usaram para ver os eventos históricos em que figuram a história do povo de Israel, os atos de Jesus, dos apóstolos e da Igreja Primitiva (CULLMANN, 2020, p. 61).

Em outras palavras, vê-se que Cullmann propunha uma linha temporal cristocêntrica. Nessa linha temporal é que deve se enxergar todos os demais eventos bíblicos. Ainda sobre essa linha, ele afirmou:

É sobre uma linha reta traçada no âmbito do tempo ordinário que Deus se revela e é de lá que Ele dirige não somente a história em sua totalidade, mas ainda todos os eventos da natureza: *não há lugar aqui para as especulações sobre Deus que se coloquem como independentes do tempo e da história* (CULLMANN, 2020, p. 62).



Linha temporal da história humana.

Cullmann está dizendo que separar Deus e suas ações desse traço reto e linear que constitui a história (centralizada em Cristo Jesus) é totalmente antibíblico. Isso é o que tem feito a tradição cristã quando impõe o dogma da imutabilidade e impassibilidade divina na interpretação da história da salvação.



Consequentemente, Cullmann buscou explorar o “elemento central da mensagem cristã neotestamentária”. Partindo da Bíblia, ele identificou a *história da salvação*, concebida pelos apóstolos de modo temporal e essencialmente histórico.

Assim, Cullmann escreveu que “Este elemento central é constituído pela concepção cristã do tempo e da história” (CULLMANN, 2020, p. 71). Dessa forma, o plano da salvação, tema central do cristianismo bíblico, não se refere a um único ato específico. Não é uma ação atemporal e isolada. Pelo contrário, “a salvação está ligada a uma sucessão *contínua* de eventos temporais que abrangem o passado, o presente e o futuro” (CULLMANN, 2020, p. 71). Então, “A revelação e a salvação operam sobre uma linha temporal ascendente” (CULLMANN, 2020, p. 71).

Temporalidade bíblica

No decorrer do livro, o autor trata mais especificamente da temporalidade sob o ponto de vista bíblico, em contraste com a filosofia grega⁶. Com isso em mente, lê-se: “No Novo Testamento não são, por conseguinte, o tempo e a eternidade que se opõem, mas o tempo limitado e o ilimitado, infinito” (CULLMANN, 2020, p. 84). Sobre esse “tempo ilimitado, infinito”, ele afirma: “O que não é um outro tempo senão o nosso. A diferença reside somente na ausência de limites” (CULLMANN, 2020, p. 84). Do que Cullmann está falando? De fato, ele se refere ao dogma clássico que a tradição cristã acredita, ou seja, que a eternidade será desprovida de tempo e espaço. Por exemplo,

Em Lutero, assim como no restante da teologia católica clássica antes dele, *eternidade* é virtualmente sinônimo de *atemporalidade* e não de duração infinita, como ocorre na Bíblia. Lutero segue explicitamente Agostinho de Hipona com uma clara *base filosófica grega neoplatônica*. Lutero sustenta que ‘a eternidade não tem passado nem futuro’ ... Temos tais distinções de tempo, de tal forma que hoje é algo diferente de ontem e amanhã. *Essa diferença é desconhecida na eternidade, onde não há tempo*, nem passado nem futuro, mas um perpétuo hoje (GRAF, 2018, p. 203, tradução nossa, grifo nosso).

⁶ “A eternidade não é, para Platão, o tempo prolongado ao infinito, mas algo totalmente diferente: a ausência do tempo” (CULLMANN, 2020, p. 99). Entretanto, “Os primeiros cristãos, como os judeus, não faziam distinção, como os gregos, entre o tempo e a eternidade” (CULLMANN, 2020, p. 100).



Outra questão muito difundida na tradição cristã é o conceito de que o tempo e o espaço (matéria) são conseqüências do pecado. Quanto a isso, Cullmann afirma: “O pecado original não criou, por assim dizer, a temporalidade” (CULLMANN, 2020, p. 85). Canale concorda com a abordagem de desconstrução que Cullmann aplica à tradição cristã. Ele ressaltou que:

Segundo a Bíblia, a distância que atualmente obstrui a comunhão direta e histórica entre Deus e Sua criação não é resultado da diferença entre um Deus atemporal e imutável e um ser humano histórico, mas a diferença entre um Deus santo e uma humanidade pecadora (Gn 3:22-24; Is 59:2) (CANALE, 2011a, p. 125).

Então, o Dr. Cullmann propõe aos seus leitores uma mudança de paradigma ontológica: “Nós devemos, pois, *nos abster completamente de toda noção filosófica de tempo e de eternidade*, se quisermos compreender o uso do termo *aiôn* no cristianismo primitivo” (CULLMANN, 2020, p. 86).⁷

O convite do professor é, de fato, um tanto quanto radical. Na verdade, o que ele propõe em meados de 1946 é singular nos anais literários da teologia e da filosofia cristãs. Basicamente, a convocação de Cullmann é para a renúncia às influências da filosofia e para a adoção da concepção bíblica de tempo e eternidade. Essa abordagem foi chamada algumas décadas depois, por Canale de “mudança de paradigma macro-hermenêutica” – que, para ele, é a mais importante da história do cristianismo.

Em resumo, o Novo Testamento retrata a ação salvífica de Deus por meio de Cristo, e “a ação divina, *em sua totalidade*, está tão naturalmente ligada ao tempo que este não foi tido como um problema; ele é, pelo contrário, a condição necessária e natural de todo ato divino” (CULLMANN, 2020, p. 88). Deus age no tempo, e através dele, opera a obra de salvação para toda raça humana.

O autor reitera: “No pensamento dos primeiros cristãos, o tempo não é uma realidade oposta a Deus, mas o meio pelo qual Deus se serve para revelar a ação de sua graça” (CULLMANN, 2020, p. 89). Em outras palavras, “na pregação cristã primitiva, a concepção de salvação é rigorosamente temporal” (CULLMANN, 2020, p. 91).

⁷ Do ponto de vista neotestamentário, “a eternidade é a sucessão infinita dos *aiôns*” (CULLMANN, 2020, p. 100).



Cullmann também explora a ontologia de Deus (o ser de Deus). Distinguindo-se da tradição cristã milenar e orientando-se para uma desconstrução teológica, ele concluiu, após seu estudo do Novo Testamento, que “o cristianismo primitivo não conhece um Deus que esteja fora do tempo” (CULLMANN, 2020, p. 101).

No que diz respeito ao Novo Céu e a Nova Terra, isto é, a eternidade, o teólogo escreveu: “No Novo Testamento, o *aiôn* futuro é um futuro real, quer dizer, um futuro *temporal*” (CULLMANN, 2020, p. 103-104).⁸ Isso é possível porque “mesmo após a vinda de Cristo, o tempo mantém seu valor na história da salvação” (CULLMANN, 2020, p. 115). Assim, apresentamos de forma concisa a concepção de Cullmann sobre o tema. Na sequência, examinaremos a perspectiva de Fernando Canale sobre a temporalidade.

Fernando Canale

O teólogo argentino enxerga uma profunda distância entre a visão grega de tempo e a concepção bíblica de temporalidade. Ele defende que “em oposição às tradições filosóficas de Parmênides e Platão, o Deus das Escrituras pode agir historicamente” (CANALE, 2011b, p. 218, tradução nossa).

Além disso, Canale afirma que o adventismo do sétimo dia tem muito a contribuir nessa área, já que os próprios pioneiros da denominação realizaram esta mudança de paradigma solicitada por Cullmann cerca de 102 anos antes de ele escrever *Cristo e o Tempo*. Canale se expressou da seguinte forma: “A teologia adventista primitiva assumiu implicitamente que Deus é temporal e age em uma sequência cronológica histórica que constitui Sua história” (CANALE, 2006, p. 56, tradução nossa).

De fato, Canale foi assertivo ao afirmar que os pioneiros, de forma implícita, realizaram essa mudança macro-hermenêutica de paradigma. O gráfico a seguir ilustra o movimento percorrido pelo adventismo.

—————→
(1831 d.C.) atemporalidade (perspectiva grega) X (1844 d.C) temporalidade (perspectiva bíblica)

⁸ E quanto ao tempo presente, entre a ressurreição e a *Parousia*: “Cristo continua a exercer *temporalmente* a soberania que a Ele foi conferida em sua ascensão” (CULLMANN, 2020, p. 105).



O que ocasionou essa mudança de paradigma foi a experiência do desapontamento de 22 de outubro de 1844, seguida pela visão de Hiran Edson no dia seguinte e pelo estudo sistemático da Bíblia, realizado principalmente entre 1848 e 1851⁹. É com esse contexto em mente que Canale escreveu:

os primeiros adventistas descobriram as *chaves ontológicas e metafísicas* para a *lógica interna do pensamento bíblico no Santuário* e a interpretação historicista das profecias de Daniel (CANALE, 2010, p. 147, tradução nossa).

Isto significa que foi a partir da interpretação correta de Daniel 8:14 que os pioneiros adventistas do século 19 descobriram o pensamento bíblico sobre o santuário. Diante disso, Fernando Canale refletiu sobre essas descobertas e entendeu a ontologia (a realidade) como temporal e histórica. Canale denominou esse movimento de desconstrução e reconstrução.

Por meio de seus escritos, o autor argentino convida veementemente seus leitores a pensar criticamente e a renunciar aos pressupostos dogmáticos da tradição cristã, em favor de uma visão bíblica. Para tanto, Canale percebeu que era necessário reformular a concepção de Deus. De acordo com Canale:

Tal visão alternativa requer dois passos básicos: *a desconstrução das interpretações clássicas e modernas do princípio de Deus* e a seleção de um ponto de partida para pensar de novo e *formular uma reconstrução do princípio de Deus em harmonia com o texto bíblico* (CANALE, 1998, p. 201, tradução nossa, grifo nosso).

Cullmann e Canale se complementam nos aspectos citados até aqui. Para Canale, compreender a realidade como histórica e temporal implica entender tanto o santuário quanto o ser de Deus como realidades temporais.

Cullmann insere essa concepção (ou pressuposição) na linha temporal da história da salvação, sob um ponto de vista cristocêntrico e soteriológico. Entretanto, é necessário enfatizar que, por um ter sido de confissão luterana (Cullmann) e o outro adventista do sétimo dia (Canale), eles não compartilhavam a mesma interpretação do santuário celestial.

⁹ Sobre o assunto, recomendamos a seguinte bibliografia: DARIUS, F. A.; FOLLIS, R. Apocalipse 10: bases textuais para a consolidação de uma memória adventista a partir de seu evento fundante. *Estudos Teológicos*, [S. l.], v. 62, n. 1, p. 75–90, 2022. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/1181. Acesso em: 16 abr. 2024.



O Santuário Celestial: uma mudança macro-hermenêutica de paradigma

Canale descreveu a função do santuário no plano da salvação de forma muito mais detalhada do que Cullmann. Este último, por sua vez, explorou com maior profundidade a função cristológica na obra da salvação. Para Cullmann, essa obra ocorre no tempo e no espaço, assim como as demais ações de Deus.

Sobre o adventismo do sétimo dia ter efetuado uma mudança macro-hermenêutica de paradigma, Canale enfatizou:

A mudança de uma compreensão atemporal para uma compreensão temporal do *princípio hermenêutico da ontologia* é a mudança de paradigma hermenêutico mais radical na história da teologia cristã (CANALE, 2006, p. 52, tradução nossa, grifo nosso).

Neste contexto, “Os pioneiros adventistas viram a teologia cristã de dentro dessa mudança de paradigma” (CANALE, 2006, p. 79, tradução nossa). No mesmo artigo, ele afirma: “Esta convicção implícita permitiu-lhes perceber que Deus opera Sua obra de Salvação historicamente através da estrutura do santuário, e interpretar historicamente as profecias de Daniel e Apocalipse” (CANALE, 2006, p. 56, tradução nossa). Os adventistas do sétimo dia podem dar grandes explicações sobre o Cristo, que ascendeu ao Céu e está, neste momento, à direita do Pai. Comumente, em seu labor teológico, os evangélicos e protestantes concentram-se no Cristo crucificado e ressurreto, negligenciando o Jesus que subiu ao Céu e sua obra na função de Sumo Sacerdote.

Sendo assim, Canale desdobrou e desenvolveu mais do que Cullmann a fase sumo sacerdotal da obra de Cristo no Céu, em favor do homem, em seu ministério celestial. Por sua vez, Cullmann enfatizou a aparição de Cristo como o centro da história da salvação, isto é, sua vida, morte e ressurreição, durante seu ministério terrestre. Canale discorreu sobre a temporalidade sob a óptica da descoberta dos pioneiros adventistas do juízo investigativo, iniciado em meados de 1844, no santuário celestial. Ele destacou que:

tornou-se claro para os adventistas que a purificação do Santuário se referia ontologicamente [...] a um *novo ato histórico redentor que Deus realmente realizou em favor dos santos no céu. por volta do*



nosso ano de 1844 (CANALE, 2005, p. 139, tradução nossa, grifo nosso).

Portanto, Canale tratou do tema da ontologia divina e sua relação com a temporalidade de um ponto de vista extremamente específico. Ele estudou a revelação de Deus apenas no ministério terrestre de Cristo, mas, sobretudo, a partir do ministério celestial, especialmente em razão do evento ocorrido em 22 de outubro de 1844.

Assim, ele entendeu que, não somente Deus atua na história humana e ali salva o homem (como Cullmann também interpretou), mas que há tempo e espaço no próprio Céu (nos ambientes celestiais), e que a própria Divindade (a Trindade) é histórico-temporal em sua ontologia pessoal.

Comentando sobre a maneira correta de se interpretar o ser de Deus de acordo com a Escritura, ele escreveu: “A presença ôntica real de Deus no espaço e no tempo torna-se o fundamento da reflexão bíblica sobre seu ser e suas ações” (CANALE, 1998, p. 204, tradução nossa). Isto é, o fundamento para compreender as ações de Deus (como o plano da salvação) é sua presença real no tempo e no espaço. Isso implica que a história da salvação e os próprios atos salvíficos de Deus são intrinsecamente espaço-temporais, assim como o seu ser o é.

Por fim, Canale (2004, p. 11, tradução nossa) escreveu que “a doutrina do santuário é a doutrina ou *tema mais abrangente nas Escrituras* e, portanto, desempenha um *papel decisivo* na orientação da interpretação bíblica e na *construção da teologia*”.

Sendo assim, não poderia ser diferente a forma como ele interpreta o ser de Deus e a obra de Cristo, a partir do ponto de vista do santuário celestial – o ministério sumo sacerdotal e suas subjacências.

Conclusão

Neste artigo, foi elaborado um exame comparativo das concepções de tempo nos escritos de Cullmann e Canale. A seguir, será apresentada uma tabela comparativa entre os dois autores, evidenciando suas semelhanças, diferenças e complementações:



Tema	Canale (teologia sistemática)	Cullmann (teologia bíblica)
Foco espacial	Ministério Sumo Sacerdotal de Cristo no Céu.	Ministério Terrestre de Cristo.
Foco de ação	Ministração celestial, dividida em intercessão e juízo.	Morte e ressurreição de Cristo.
Impulsão teológica	Mudança de paradigma em 1844.	Gramática grega neotestamentária.
Conclusão	<ol style="list-style-type: none">1. A doutrina de Deus é a pedra de toque de qualquer percepção cristológica e soteriológica.2. A compreensão do santuário celestial e do juízo investigativo proporciona ao cristão a mudança hermenêutica de paradigma mais importante da história.	<ol style="list-style-type: none">1. Por meio da exegese do Novo Testamento, concluiu-se que os autores bíblicos pensavam sob o paradigma histórico-temporal.2. Encontrou, no Novo Testamento, o tema da história da salvação como o elemento central (<i>Heilsgeschichte</i>).3. Por fim, concluiu que Deus deve ser histórico-temporal para se relacionar com a história e operar a salvação em prol de suas criaturas.

Em resumo, observam-se semelhanças e pontos complementares entre os dois autores. Quanto a Cullmann, verificou-se que ele se fundamentou na Bíblia como única fonte de informação sobre temporalidade e eternidade e foi influenciado por Heidegger e sua proposta de mudança de paradigma filosófico. Assim, Cullmann se desvencilhou da concepção atemporal platônica da realidade, amplamente difundida na tradição cristã. Por meio da exegese do Novo Testamento, ele chegou à conclusão de que os autores bíblicos pensavam sob o paradigma histórico-temporal. Ele encontrou no Novo Testamento o tema da história da salvação como o elemento central (*Heilsgeschichte*). Ademais, Cullmann percebeu que o pressuposto temporal e histórico é essencial na compreensão do Novo Testamento e do plano da salvação. Por fim, ele chega à conclusão de que Deus, em si, deve ser histórico-temporal para se relacionar com a história e, assim, operar a salvação em favor de suas criaturas.

Quanto a Canale, viu-se que ele enxergava uma clara distinção entre a concepção filosófica grega e a concepção bíblica de temporalidade e eternidade.



Além disso, para o autor, a doutrina de Deus é a pedra de toque de qualquer percepção cristológica e soteriológica. A compreensão do santuário celestial e do juízo investigativo fornece ao cristão a mudança de paradigma hermenêutica mais importante da história. Em 22 de outubro de 1844, começou o juízo nas cortes celestiais (santuário celestial). Por meio do estudo bíblico desse tema, os pioneiros adventistas restauraram implicitamente o paradigma histórico-temporal bíblico.

REFERÊNCIAS

CANALE, Fernando. Philosophical foundations and the biblical sanctuary. **Andrews University Seminary Studies**, v. 36, n. 2, p. 183-206, 1998. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2775&context=auss>. Acesso em 26 set. 2024.

CANALE, Fernando. From vision to system: finishing the task of adventist biblical and systematic theologies - part II. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 16, n. 1-2, p. 114-142, 2005. Disponível em: <https://www.atsjats.org/07canale-systematics2-05.pdf>. Acesso em 26 set. 2024.

CANALE, Fernando. From vision to system: finishing the task of adventist theology; part III sanctuary and hermeneutics. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 17, no. 2, p. 36-80, 2006. Disponível em: <https://www.atsjats.org/05canale-visionssystem3-06-2.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

CANALE, Fernando. From vision to system: finishing the task of adventist theology part I: historical review. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 15, no. 2, p. 5-39, 2004. Disponível em: <https://www.atsjats.org/03-canale-vision-syste-41de.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

CANALE, Fernando. Doutrina de Deus. In: DEDEREN, R. **Tratado de teologia**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011a. p. 120-179.

CANALE, Fernando. **O princípio cognitivo da teologia cristã: um estudo hermenêutico sobre revelação e inspiração**. 1. ed. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2011b.

CANALE, Fernando. The eclipse of scripture and the protestantization of the adventist mind: part 1: the assumed compatibility of adventism with evangelical theology and ministerial practices. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 21, n. 1-2, p. 133-165, 2010. Disponível em: <https://www.atsjats.org/canale-the-eclipse-of-scripture-pt-1.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

CULLMANN, Oscar. **Cristo e o tempo**. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.



GRAF, Roy. La articulación de la teología adventista, Desmond Ford y la doctrina del santuario. *Theologika*, v. 33, no. 2, p. 200-211, 2018. Disponível em: https://theologika.upeu.edu.pe/index.php/r_theologika/article/view/1118/1561. Acesso em: 26 set. 2024.